

A TEOLOGIA E A ESCATOLOGIA JOANINA

THE THEOLOGY AND THE ESCHATOLOGY OF JOHANNINE:

Cleverton Duarte Epormucena¹

RESUMO

A comunidade do discípulo amado deixou seu rastro por todo o quarto Evangelho e continua intrigando e inspirando muitos estudiosos a questionarem, quem de fato seria realmente está figura misteriosa chamada de “João”. Dos demais Evangelhos, “Marcos, Mateus e Lucas”, o quarto Evangelho é o que possui a mais alta cristologia e teologia acerca de Jesus, e porque não dizer de todo o Novo Testamento? O texto busca mostrar que essas afirmações muito elevadas acerca de Jesus de Nazaré, em específico dele como o verbo pré-existente, Deus e igual ao Pai, foi um dos principais motivos de a comunidade joanina ter suscitado o ódio dos “judeus” e de serem expulsos das sinagogas.

PALAVRAS-CHAVE: Visão; Rejeição; Comunidade joanina; Escatologia; Cristologia; Teologia joanina.

ABSTRACT

The community of the beloved disciple has left its mark throughout the fourth Gospel and continues to intrigue and inspire many scholars to question, who in fact really would be this mysterious figure called "John." Of the other Gospels, "Mark, Matthew, and Luke," the fourth Gospel has the highest Christology and theology about Jesus, and why not say the whole New Testament? The text seeks to show that these very high claims about Jesus of Nazareth, specific to him as the preexisting verb, God and equal to the Father, was one of the main reasons why the Johannine community had aroused hatred of the "Jews" and be expelled from the synagogues.

¹ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR Brasil, e-mail: clevertonduarte@outlook.com. Este artigo é parte do trabalho da minha dissertação de mestrado, p. 37-43.



KEY WORDS: View; Rejection; Community johannine; Eschatology; Christology; Johannine theology.

INTRODUÇÃO

A comunidade joanina deu um largo passo em sua visão teológica e escatológica. Com a saída dos cristãos do judaísmo oficial, a comunidade abandonou muitos conceitos da Lei judaica e os reinterpretou à luz do Evangelho anunciado por Jesus.

Isto não indica que optaram por um abandono total das suas origens mosaicas e sim que muito da antiga aliança, agora está vestida de uma nova roupagem. Estão embasadas nas ideias da pregação primitiva acerca do Messias, onde a graça da aliança através de Moisés é substituída pela nova “graça sobre graça”, pregada por Jesus, pois não foi Moisés quem viu a Deus, mas “o Filho viu-o e foi quem O revelou” (Jo 1.18), (PERKINS, 2011. p. 749).

À semelhança da Carta aos Hebreus, a partir de Jesus, não há mais filhos prediletos de Deus, todos são filhos de um único Deus e participantes de uma só vocação celestial Hb 3.1. Todos que acreditarem e receberem a palavra de Jesus não serão confundidos em sua parousia.

Se tratando da escatologia joanina, não é somente um fim último e sim um adiantamento do fim. Pode-se usufruir dos bens futuros, eternos e escatológicos já no presente momento. Na ideia joanina, tudo o que Deus prometeu para o fim deve-se gozar no já para que no fim se inicie uma nova realidade.

Por fim percebe-se na teologia joanina uma evolução cristológica, Na comunidade inicial formada por judeus, se predominava uma baixa cristologia, esses judeus acreditaram em Jesus como o Messias davídico. Com a chegada de um grupo catalisador, os “helenistas”, a comunidade dá um salto em sua cristologia. A partir de então, Jesus não era somente o Messias da linhagem de Davi, começava a se desenvolver uma cristologia “muito elevada da pré-existência do Verbo” os quais afirmaria que Jesus é Deus e semelhante ao Pai.

Essas afirmações muito elevadas do homem de Nazaré trariam muitas consequências ao movimento de Jesus até culminarem nas expulsões das sinagogas. Essas expulsões caminhavam para uma expulsão definitiva, próximo aos anos 90, os seguidores e seguidoras de Jesus



sofrieriam a rejeição total das autoridades judaicas. Os cristãos passam a ser um grupo religioso separado dos seus irmãos “os judeus”. Sem vínculo algum com suas origens todo cuidado seria pouco, a perseguição poderia surgir de qualquer lugar até “todo aquele que vos matar julgará ser motivo de culto a Deus” (Jo 16.2).

1. A TEOLOGIA JOANINA

A comunidade joanina foi uma comunidade marcado pela pluralidade, isso definiria em muito a teologia do quarto Evangelho. (KONINGS, 2005, p. 130). Os helenistas admitidos na comunidade do discípulo amado, provavelmente foi o principal motivo que fizesse com que o Evangelho de João construísse uma das mais altas Cristologias de toda a Bíblia.

Na teologia joanina predominava o tema da substituição: os judeus eram os verdadeiros ramos da oliveira e os gentios os ramos bravos, que, em vista da rejeição dos verdadeiros, abriu-se na graça de Cristo uma oportunidade de serem enxertados (Jo 15.1-27; Rm 11.17). Aqui entra a teologia da substituição, afirmando que “Jesus veio para os seus próprios e seus próprios não o receberam, porém a todos os que o receberam deu-lhes o direito de serem filhos de Deus” (Jo 1.11-12). Pearlman (1995) relata que o autor joanino viu na chegada dos gregos um sinal do cumprimento da palavra de Deus e um início de uma grande colheita predita por Jesus (PEARLMAN, 1995, p. 56).

Como “os judeus” rejeitaram a Jesus, não que Deus os tivesse rejeitado, Rm 11.1, mas agora é Jesus quem seleciona uma nova lista de discípulos para serem servos escolhidos de Deus, Jo 13.1. João usa o termo “verdadeira”, em referência a Jesus, no sentido da “videira verdadeira” (Jo 15.1). (BORTOLINI, 1994, pp. 10-11). É um símbolo que indica que a sombra do Antigo Testamento é substituída pela realidade expressa na pessoa de Jesus. Se os antigos e verdadeiros ramos guiados pela sombra da Lei mosaica não aceitam a realidade em Jesus, então serão cortados, abrindo espaço aos que aceitam a nova realidade da graça em Jesus (PERKINS, 2011, p. 797).

Na teologia joanina, o povo de Deus não é mais constituído pelos descendentes dos patriarcas, nem mesmo por ter nascido judeu. Agora os da fé em Jesus são os verdadeiros filhos de Deus, Jo 1.13. Segundo o texto bíblico, talvez por influência de um segundo grupo admitido na



comunidade Joanina, “os helenistas”, (BEUTLER, 2015, p. 13). foram feitas novas releituras de substituições do culto judaico os quais resultaram em conflitos e perseguições contra o movimento de Jesus. A partir dessas novas releituras, o movimento de Jesus, se tornaria uma comunidade digna de morte, e isso em nome do Deus das leis judaicas. Suas mortes seriam um motivo de culto a Deus a semelhança do bode expiatório no deserto (LÉON, 1996, p. 253). Isso também, mais tarde, iria resultar num processo que definiria uma nova identidade no desenvolvimento da alta cristologia.

As instituições das leis judaicas perderam o significado para a comunidade joanina, pois agora os significados são cumpridos e relidos em Jesus. Percebe-se que semelhante ao quarto Evangelho, a carta aos Hebreus, embora com perspectivas mais sacerdotais que o quarto Evangelho, tem muitos traços comuns com o Evangelho de João, onde as práticas e expressões do culto judaico são substituídas à luz do sacrifício perfeito de Cristo, o Sumo Sacerdote por excelência (BROWN; COLLINS, 2011, p. 934-935).

2. A ESCATOLOGIA JOANINA

Tratando-se de escatologia, João tem uma escatologia diferenciada dos sinóticos. Nos sinóticos, há um senso de que o dom da vida eterna ainda é um devir, ou seja, ela se concretizará no juízo final, em um “*ἔσχατος-eschatos*” Jo 12.48,² do grego. Vale salientar que talvez o escritor joanino não tenha utilizado os sinóticos e sim uma fonte mais antiga (DODD, 2003, p. 423) e (HALE, 1983, p. 111). Porém outros estudiosos, como por exemplo (MACARTHUR, 2001), não têm dúvida de que João não só utilizou os sinóticos mais como também fez parte de suas leituras para a elaboração do quarto Evangelho (MACARTHUR, 2001, p. 5).

No que diz respeito a teologia escatológica, o pensamento joanino parte do princípio de uma escatologia já realizada. Seu cumprimento se deu em parte na descida do Verbo e com o anúncio da proximidade do

² FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy (eds.). **O Novo Testamento Grego Analítico**. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 332.



reino de Deus. A outra parte do cumprimento se daria em um juízo final (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 254).

Nesse juízo final, os inimigos seriam vencidos, haveria paz permanente, porém, como esses cumprimentos não se deram na ressurreição, é sinal de que isto estava condicionado a um segundo momento, à “*parousia - vinda, chegada, presença etc.*”, ou seja, para a segunda vinda de Jesus. O que foi profetizado na Lei e nos profetas se cumpriria cabalmente na nessa segunda vinda do Messias.

Brown (1999) acredita que delinear e saber os detalhes da escatologia cumpridas na ideia joanina talvez não seja possível, pois João tem uma ideia escatológica e singular acerca do Filho do homem. Na ideia joanina, Jesus desceu do Pai como juiz, porém talvez na questão de condenar o mundo, se contradiga com o versículo onde diz “não vim para julgar o mundo e sim para salvar o mundo (Jo 12.47)” (BROWN, 1999, p. 52).

Talvez Brown (1999) não pense em um julgamento direto de Jesus e sim que sua vinda através de sua palavra anunciada, de certa forma, já foi uma forma de julgar o mundo. Cabe pensar que o Evangelho de João expressa uma ideia escatológica já realizada, quase tudo o que Jesus disse e prometeu pode-se desfrutar no já, aqui e agora. O fim é antecipado; pode-se viver as últimas coisas no hoje. A escatologia joanina é uma forma de antecipação do fim, com pequenos detalhes não cumpridos, porém prestes a se cumprir em um futuro último chamado de pleroma, “plenitude”.

3. A ALTA CRISTOLOGIA: Continuação da Baixa

Deve-se notar que está patente na cristologia joanina, uma doutrina única e singular que é característico do Evangelho. Mesmo havendo miscigenação de ideias cristológicas e teológicas, percebe-se a unicidade dessa cristologia no Evangelho. Porém, não se deve confundir unicidade cristológica com um pensamento sintético. Alguns preferem visualizar o texto como uma obra unitária a qual parece ser a mesma intenção do escritor (MATEOS; BARRETO, 1999, p. 11-12).

Há quem acredite que a união dos seguidores de João, o Batista, com outros membros seguidores de Jesus, causou um rompimento catastrófico na comunidade do Discípulo amado, em vista da maneira elevada que cada grupo configurava Jesus.



Não há provas de que o rompimento dentro da comunidade joanina tenha acontecido entre os seguidores de Jesus e sim que tal divisão foi externa, ocorreu por causa dos “judeus”, por não aceitarem a ideia de Jesus como um “segundo Deus”. Usa-se aqui “os judeus” para indicar um grupo específico que perseguia os discípulos de Jesus (BRUCE, 1987, p. 51). Acerca do rompimento, a prova de que não houve uma rasura entre a comunidade joanina são os relatos bíblicos e as cristologias altas e baixas descritas lado a lado por João. Essas cristologias sempre estão paralelas. Então, entende-se que caminhavam juntas, apesar das diferenças, como expressa Brown (1999, p. 53-54):

Insistiria ainda neste ponto e o usaria para explicar uma das grandes anomalias do quarto Evangelho, isto é, que as visões novas são colocadas ao lado das visões antigas, a cristologia elevada ao lado da baixa cristologia, a escatologia realizada perto da escatologia final, o individualismo ao lado da ênfase na comunidade, uma compreensão sacramental da realidade num Evangelho que mostra relativamente pequeno interesse pela instituição dos sacramentos individuais etc.

O sentido de anomalia expresso por Brown (1999) não tem um sentido negativo e sim positivo. O autor se refere ao fato de que se os relatos da alta cristologia estão colocados lado a lado com a baixa cristologia, isto é um sinal de que há uma mutualidade nos relatos. A baixa como origem primária e a alta como continuidade da baixa; esse é o sentido de anomalia.

O motivo dos dois pensamentos cristológicos estarem expostos em um mesmo material e ainda lado a lado, comprova que o evangelista pensava dialeticamente. A nova cristologia é uma interpretação da antiga, não há aqui uma ruptura, e sim uma continuação evoluída da cristologia baixa. Isso pode ser observado nas afirmações da cristologia baixa, que denotam um esforço da comunidade joanina em demonstrar que Deus é unido a Jesus.

A questão de os dois opostos caminharem juntos em um mesmo texto não deve ser pensado como uma contradição e sim como uma complementação em um processo de evolução. João não tem intenção de abolir as passagens que mostram uma cristologia inferior e sim tenta dar uma nova roupagem à mesma.



É um erro grave de alguns teólogos pensar em dois autores em passagens com ideias opostas, atribuindo a contradição inferior a outro autor. Se assim fosse, haveria o risco de menosprezar o texto que resultaria na não reedição escrita do mesmo (BROWN, 1999, p. 55).

O ponto que prova a aceitação do material está no fato da comunidade mantê-lo em circulação e na reedição contínua entre os cristãos joaninos. Percebe-se que houve uma aceitação mútua da comunidade joanina, isto é um resultado claro e expresso que podem ser observados nos textos paralelos.

Um documento só será redigido se houver uma considerável aprovação pela comunidade. Essa aprovação é um sinal de que o material foi valorizado pelos que o vivenciaram ou que deram continuidade à história. É possível observar a influência da comunidade a partir das últimas redações (BROWN, 1999, p. 54).

Haja vista também que o fato de as passagens terem oposições não necessariamente indicam dois autores, mas sim que há uma valorização tanto da alta cristologia como da baixa. A baixa é a origem, iniciada no grupo de João, o Batista, e a alta é o resultado evolutivo da baixa. Uma complementa a outra. Em razão disso e de modo evidente, percebe-se nos últimos escritos a continuidade influenciada pela comunidade, o autor “é consciente da necessidade da continuidade da verdade cristã” (CARSON, 2007, p. 48). Como dito, fato comprovado no texto escrito e aprovado pela comunidade da época.

Outro erro das oposições, de apontarem dois autores nas contradições, é a questão de não observarem a comunidade joanina como o objeto da construção e da evolução cristológica. Não é obra de um só personagem-autor, pois, o que está escrevendo, por certo, olha para a comunidade como um todo. O autor do quarto Evangelho, com efeito, está considerando as diferenças e igualdades da comunidade.

Brown (1999) observa muito bem essa questão de paralelos na obra joanina, às vezes ou aparentemente, pode ser vista como uma contradição, por exemplo, a dos textos que reconhecem a divindade de Jesus como igual a Deus e outras passagens que às vezes afirmam que Ele é subordinado ao Próprio Deus (BROWN, 1999, p. 55).

Para Brown (1999), isto é uma visão clara do encontro das duas cristologias, alta e baixa. Não necessariamente indicam dois autores, o que se percebe aqui é o resultado contributivo de uma comunidade-igreja



joanina, com pensamentos cristológicos de níveis diferentes. Porém, não deixam de ser uma construção de uma só igreja e comunidade de fé.

Outros estudiosos ainda acreditam que a cristologia elevada de João não pertença à primeira geração de cristãos. Isso por ser uma teologia muito desenvolvida para o contexto da época. São da opinião de que a teologia refletida no quarto Evangelho desenvolveu-se somente mais tarde, já próximo ao final do século I. A visão de um Cristo pessoal bem desenvolvido, sua pré-existência, a noção de encarnação, não se mostra como alta cristologia antes do ano 100 (CARSON, 2007, p. 84).

Hendriksen (2004) rebate essa ideia e não vê a teologia e cristologia paulina tão inferior à cristologia de João, principalmente tratando-se da cristologia de Cl 2.9, Fl 2.6 e Rm 9.5. O autor qualifica essa afirmativa como audaciosa e sem provas. Relata que admitir que a cristologia do Evangelho é muito elevada para ter sido escrita por um discípulo da primeira geração é o mesmo que admitir como verdadeiro algo que ainda precisa ser provado (HENDRIKSEN, 2004, p. 22).

O autor é da opinião de que, desde o começo, Jesus já foi reconhecido como o Messias, não somente em João, mais também nos sinóticos. Na concepção do autor, a razão do quarto Evangelho dar mais ênfase a Jesus como Messias, Deus e Filho de Deus, seria pelo fato do propósito declarado pelo próprio autor do Evangelho joanino: “Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus” (Jo 20.31).

Mesmo não acreditando em Jesus como Deus, na visão de Ehrman (2014), demorou não pouco tempo para que Jesus se tornasse Deus na perspectiva dos seus seguidores. O autor percebe um crescimento gradativo em toda a cristologia do Novo Testamento. Esta cristologia ganhou mais expressão em João, o único escrito do Novo Testamento que afirma claramente Jesus como Deus. Até mesmo a cristologia Paulina ainda tem Deus como o grande sujeito, ou seja, é Deus que eleva a Jesus a Senhor de tudo, por exemplo em Fp 2.5-10, tudo é para a Glória de Deus.

Ehrman (2014) percebe que, exceto João, nenhum outro autor do Novo Testamento procura igualar Jesus a Deus, fato que levou o estudioso a pensar: se é verídico que Jesus é Deus, então porque essa expressão não se mostra clara nos demais escritos do Novo Testamento? “Simplesmente decidiram pular essa parte?” (EHRMANN, 2014, p. 119). O autor é enfático, “contudo, se ele não afirmou ser Deus, então



precisamos encontrar outra explicação sobre porque seus seguidores fizeram isso mais tarde, após a morte dele” (EHRMANN, 2014, p. 120).

Acerca da alta cristologia joanina, Carson (2007, p. 84-85) parece aderir a um meio termo para tal problemática. Reconhece que esse entendimento da alta cristologia, de Jesus como Deus, se deu ao longo das décadas, porém, acredita que a alta cristologia se desenvolveu relativamente um pouco mais cedo, pois, já estava presente no próprio Jesus.

O autor estranha que essa evolução tenha andado tão lentamente em linha horizontal como alguns autores afirmam. Com isso, Carson (2007) visa a rebater os que tentam datar o quarto Evangelho por meio dos desenvolvimentos das trajetórias cristológicas, o que em sua visão não seria possível.

Na visão de Carson (2007) o próprio Jesus teria dito as palavras que o evangelho de João atribui a Ele. Jesus mesmo teria pronunciado o “EU SOU” (Jo 8.28,48; 13.19), e outras palavras como “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30), “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14.9), entre outras. Para Carson (2007), o Evangelho é como se fosse uma reportagem escrita por uma espécie de repórter extremamente fiel da época. Esse repórter estaria acompanhando Jesus e anotando tudo o que Ele falava e fazia.

É possível pensar dessa forma. Porém, o próprio Evangelho desmente essa possibilidade ao referir-se à invasão romana e a destruição do Templo de Jerusalém em Jo 11.48, que só aconteceu no ano 70, ou a expulsão da sinagoga, Jo 9.42; 12.42; 16.2, que ocorreu mais tarde ainda, entre os anos 90-100.

Poder-se-ia dizer que o anúncio da invasão romana foi uma profecia, antecipando algo que ainda iria acontecer, porém a expulsão das sinagogas é relatada como algo acontecido, como uma decisão política já tomada pela cúpula do judaísmo oficial, Jo 12.42. Porém não há provas concretas que ocorreram expulsões das sinagogas na época de Jesus, o que pode ter ocorrido foram apenas afastamentos e quando muito uma ou outra expulsão em caso de reincidências (CASALEGNO, 2009, p. 35) e (VIVIANO, 2011, pp. 132-133).

Qual seria a conclusão acerca desses paralelos, da alta cristologia ao lado da baixa, das visões novas ao lado da antiga e a escatologia realizada ao lado da escatologia final, entre outras. É que esses paralelos não indicam dois autores e sim uma continuação da evolução cristológica de toda uma comunidade.



É conveniente pensar como Brown (1999), onde a comunidade joanina não tem intenção de rejeitar a cristologia inferior por ser inferior. Esse procedimento foi adotado para dar uma nova roupagem à cristologia mais baixa e antiga, por isso, ela foi reinterpretada e colocada lado a lado com a alta cristologia. Isso é uma prova de evolução teológica e cristológica que transmite a ideia de continuidade (BROWN, 1999, p. 55).

Isto também é comprovado quando o autor observa a relação que João tem com os sinóticos. O estudioso relata que não existem reprovações a eles, mas uma reinterpretação dos mesmos, pois, nos sinóticos Jesus é expresso como vitorioso somente no período pós-ressurreição.

Já para João, Jesus é vitorioso na cruz. Nos sinóticos, a messianidade de Jesus é confirmada somente depois da ressurreição. João é mais ousado. Jesus não é somente o Messias, “Ele”, é o próprio Deus, e é pré-existente. João, já no início de seu Evangelho demonstra isso através da expressão “no princípio era o Verbo e o Verbo era Deus” (Jo 1.1), (BROWN, 1999, p. 56).

Conclui-se então que não há uma rejeição de João por parte dos sinóticos e sim que João reinterpreta as visões dos sinóticos à luz da sua comunidade. O autor joanino faz questão de colocar as duas evoluções cristológicas lado a lado, para mostrar que houve uma aceitação de ambas as evoluções cristológicas. Por estar em paralelo, não indica dois autores, mas sim, uma aceitação dos dois níveis cristológicos, da baixa e da alta cristologia, essa última como resultado evolutivo da primeira, muitas vezes desenvolvido em conflito com ela e especialmente depois, nos conflitos com “os judeus” e “o mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a teologia e a escatologia do quarto Evangelho talvez seja uma chave mestra para abrir as portas do entendimento dos demais Evangelhos, os sinóticos. A medida que se compreende o início da comunidade joanina e a forma com que desenvolveu sua doutrina, também se desenvolve uma “cientologia” para se compreender não somente os sinóticos mais como também boa parte dos demais livros do Novo Testamento.



Requer-se do estudante, do acadêmico, dos estudiosos das obras atribuídas a João, um olhar com mais profundidade na hermenêutica das primeiras raízes, as quais com o tempo foram dando formas a comunidade do discípulo amado. Essa comunidade surgida provavelmente, por um, do meio do movimento de João, o Batista, é responsável ainda hoje pelas muitas obras de profundidade teológica.

Deve olhar com mais perscrutação para esse maravilhoso Evangelho. Sua teologia, escatologia e cristologia necessitam de um estudo mais apurado antes de fazer qualquer pré-julgamento da obra. João, se é realmente seu autor, deixou umas das obras doutrinárias mais profundas de toda a Bíblia Sagrada. Sua escatologia e cristologia é singular, não se encontra em outra obra neotestamentária com tamanha profundidade, exceto alguns rastros na Carta aos Efésios e em algumas outras obras do Novo Testamento, porém nunca como é de fato em João, até porque cada obra tem suas particularidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João**: comentário. Tradução: Johan Konings, SJ, São Paulo: Ed. Loyola, 2015.

BORTOLINI, J. **Como ler o Evangelho de João**: O caminho da vida. 1º ed. São Paulo: Paulus, 1994.

BROWN e COLLINS. Canonicidade. Em: BROWN, Raymond. E.; FITZMYER, Joseph. A.; MURPHY, Roland. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, pag. 906-946.

BROWN, Raymond Edward. **A Comunidade do Discípulo Amado**. São Paulo: Paulus, 1999.

BRUCE, F. F. **João - Introdução e Comentário**, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1987.

CARSON, D. A. **O Comentário de João**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.



CASALEGNO, Alberto. **Para que contemplem a minha glória (João 17,24):** Introdução à teologia do Evangelho de João. São Paulo: Loyola, 2009.

DODD, C. H. **A Interpretação Do Quarto Evangelho.** São Paulo: Editora Teológica, 2003.

EHRMAN, Bart D. **Como Jesus se tornou Deus.** São Paulo: LeYa, 2014.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os evangelhos (II).** São Paulo: Loyola, 1992.

FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy (eds.). **O Novo Testamento Grego Analítico.** São Paulo: Vida Nova, 1987.

HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento.** Tradução de Claudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1983.

HENDRIKSEN, William. **O Evangelho de João.** Tradução de Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade.** São Paulo: Loyola, 2005.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Leitura do evangelho segundo João - II.** São Paulo: Loyola, 1996.

MACARTHUR, John. **João. Jesus - O Verbo, Messias, Filho de Deus.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético.** São Paulo: Paulinas, 1999.

PEARLMAN, Myer. **João, o Evangelho do Filho de Deus.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

PERKINS. *Evangelho Segundo João.* In: BROWN, Raymond. E.; FITZMYER, Joseph. A.; MURPHY, Roland. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo:** Novo Testamento e artigos sistemáticos. Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, pag. 730-816.

VIVIANO. *O Evangelho Segundo Mateus.* BROWN, Raymond. E.; FITZMYER, Joseph. A.; MURPHY, Roland. E. (Eds.). **Novo comentário**



bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, pág.130-216.

